

CONSOLADOR

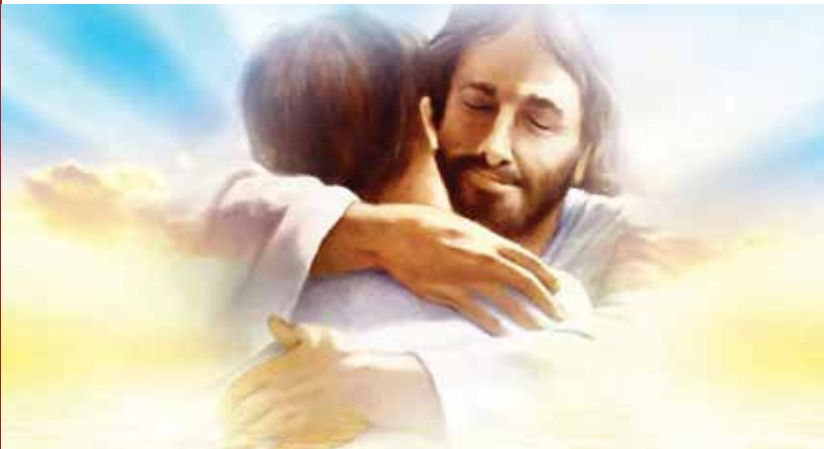
Comunidade Espírita Cristã

Ano 11 • nº 43 • Julho a Dezembro de 2016

Distribuição gratuita

Editorial

JESUS E PAPAÍ NOEL



Papai Noel mora no Polo Norte...
Jesus, em todo lugar.
Papai Noel anda num trenó...
Jesus voa no vento e anda sobre as águas.
Papai Noel vem somente uma vez ao ano.
Jesus está sempre presente.
Papai Noel enche nossas meias com presentes...
Jesus supre todas as nossas necessidades.
Papai Noel desce pela chaminé sem ser convidado...
Jesus fica na nossa porta, bate e entra em nosso coração.
Nós temos que esperar numa fila para ver Papai Noel...
Jesus já está próximo quando se menciona Seu nome.
Papai Noel nos deixa sentar no seu colo...
Jesus nos deixa descansar em Seus braços.
Papai Noel não sabe nosso nome, tudo o que ele pode dizer é:
“Olá, garotinho ou garotinha, qual é o seu nome”?...
Jesus sabia nosso nome antes mesmo de nós o sabermos.
Ele sabe não só o nosso nome,
Ele conhece nossa história e futuro e ainda
Conhece nosso coração e
quantos fios de cabelo temos em nossa cabeça.
Papai Noel tem uma barriga que balança como gelatina...
Jesus tem um coração cheio de amor,
graças, misericórdia e perdão.
Tudo que Papai Noel pode oferecer é: “HO. HO, HO”...
Jesus diz: “Deixe que eu resolvo seus problemas”.
Os ajudantes de Papai Noel fazem brinquedos...
Jesus faz vida nova, consola nosso coração aflito,
repara lares destruídos e constrói esperanças.
Papai Noel pode fazer-nos um agrado mas...
Jesus nos dá alegria com Sua força.
Enquanto Papai Noel coloca presentes sob nossa árvore...

Jesus tornou-se nosso presente e morreu na cruz por todos nós.

É claro que não há comparações.

Nós devemos lembrar “Quem é” o Natal, na verdade.

Devemos recolocar Cristo no Natal,

Jesus é a razão da comemoração.

Autor desconhecido

DEFININDO OS TERMOS ESPÍRITAS E MÉDIUNS

Espíritos e médiuns significam a mesma coisa?

Há confusão no entendimento dessas duas palavras que não são sinônimas como muitos pensam. Se existem pessoas incultas que não conhecem seu significado, outras, embora o conhecendo, se aproveitam da situação para manter este engano, e entre elas os que trabalham na mídia.

Médiuns são pessoas dotadas da faculdade de estabelecer contato com os habitantes do mundo espiritual, quer pela audiência, quer pela vidência, produzindo comunicações verbais ou escritas, além de efeitos físicos. Esta faculdade manifesta-se no ser humano, em qualquer fase da vida e tem o nome de mediunidade. Ela lhe é inerente e o acompanha desde os tempos mais remotos. Embora comum a todas as pessoas, apresenta-se de modo ostensivo em diminuta

parcela da humanidade, e sendo moralmente neutra pode ser utilizada tanto para o bem quanto para o mal.

Espírita - é a pessoa que professa o Espiritismo, doutrina surgida em meados do século dezenove (1857) na França e codificada por Allan Kardec, respeitado intelectual francês residente em Paris, importante centro cultural da época. A Doutrina Espírita estuda a mediunidade, classifica-a e ensina aos médiuns como aplicá-la dentro da moral cristã. Nem todo espírita é médium, assim como nem todo médium é espírita, aliás, a esmagadora maioria dos médiuns sequer sabe da existência do Espiritismo.

A confusão estabelecida em nosso país, incluindo o Espiritismo entre religiões que se utilizam de fenômenos mediúnicos, se não por ignorância, é própria de pessoas de crenças radicais,

AINDA NESTA EDIÇÃO

| | |
|--|-----------------|
| BIOGRAFIA | página 2 |
| O ENIGMA DAS CAUSAS DE MORTES COLETIVAS | página 3 |
| CANTO DA POESIA | página 4 |
| LIVRO EM PAUTA | página 4 |

pseudocientistas e materialistas mal intencionadas, misturando-o com práticas de rituais primitivos, quiromancia, astromancia e horoscopia. Ao contrário do que alguns afirmam, o Espiritismo respeita todos os cultos religiosos que têm como finalidade o Bem e o Amor ao Próximo, e nada tem a

ver com as práticas obscurantistas da magia negra, feitiçaria e demais ações que procuram prejudicar o próximo e fazer barganhas com as trevas. Os médiuns que lidam com o astral inferior, portanto, não são e não podem dizer-se espíritas, sob pena de incorrer numa inverdade.

Gerson Sestini

BIOGRAFIA

CAIRBAR SCHUTEL

Filho de Antero de Souza Schutel e de Rita Tavares Schutel, o menino que recebeu o nome de Cairbar nasceu no dia 22 de setembro de 1868 na cidade do Rio de Janeiro. Aos nove anos perdeu o pai e no mesmo ano a mãe, de febre puerperal ao dar a luz o irmão que viveria apenas quatro anos. Com a morte da viúva, as crianças foram viver com o avô paterno, Dr. Henrique Schutel. Coube a este transmitir ao neto sobrevivente as primeiras noções da vida.

Cairbar começou a freqüentar o Colégio Pedro II, onde cursou até o segundo ano. Em 1880 abandonou o colégio para empregar-se em uma farmácia como aprendiz. Ali especializou-se como farmacêutico prático, adquirindo conhecimentos na manipulação de medicamentos.

Na juventude descuidada que levava na Corte Imperial, tinha idéias de aventurar-se pelos sertões do país, seguindo a rota inversa da maioria dos jovens do interior que procuravam alcançar as capitais. Escolheu o Estado de São Paulo, já na época da República, e mudou-se para Piracicaba e depois para Araraquara, onde, em 1891, empregou-se numa conhecida farmácia. Em 1893 passou a trabalhar como entregador de mercearia, vindo a adquirir no ano seguinte (1894), um pequeno sítio para cultivar frutas e verduras, abrindo também um pequeno comércio.

Em 1896 mudou-se para a pequena povoação que se tornaria a cidade de Matão, onde se estabeleceu abrindo uma farmácia. Integrou-se na sociedade local, vindo a tornar-se importante figura, militando inclusive na política local.

Com a elevação da então vila a município, fez parte da sua primeira Câmara Municipal, instalada em 1889, como vereador. Foi escolhido, a seguir, pelos seus pares como seu primeiro Intendente (hoje “Prefeito”), cargo que exerceu até os últimos dias do século XIX, com pequeno intervalo.

Militância espírita

Com trinta e seis anos, Cairbar passou a frequentar sessões de tiptologia com a trípole (pequena mesa com três pés). Nestas sessões espíritas, chegou a importantes conclusões sobre a continuidade da vida no além-túmulo. Passou, então, a estudar os fenômenos para abraçar a doutrina espírita, tornando-se um de seus maiores propagandistas no Brasil. É conhecido ainda hoje, entre os espíritas, como o Bandeirante do Espiritismo, devido ao empenho com que se dedicou à divulgação do Espiritismo ao longo de sua vida.

Em 1905 fundou o “Grupo Espírita Amantes da Pobreza” e no mês se-

guinte o jornal espírita “O Clarim”. Suas edições atravessaram todo o século XX, atingindo o início do Terceiro Milênio com a tiragem de 10.000 exemplares. Naquela década do século passado manteve viva polêmica com o padre João Batista Van Esse; esta quase terminou em tragédia, não fosse a intervenção de um advogado, embora materialista, que sacou de uma arma para defendê-lo contra o populacho incitado pelo intolerante clérigo que, junto de seus acólitos, pretendia linchar o já conhecido e ilustre espírita. Como todo pioneiro, Cairbar deu seu testemunho de suas ideias. Naquele mesmo ano desposou Maria Elvira da Silva Schutel (Mariquinhas), com a qual já vivia maritalmente. Não tiveram filhos e sua fiel companheira de todas as horas precedeu-o no túmulo.



Em 1912, já conhecido como o “Pai dos Pobres de Matão”, fundou um pequeno hospital de caridade, para atender aos doentes sem recursos materiais. Dois anos mais tarde, em 1914, começou a visitar os presos na Cadeia Pública de Matão. Em 1917 estendeu as visitas aos detidos na Cadeia de Araraquara, onde proferiu palestras.

A 15 de fevereiro de 1925, fundou com o auxílio moral e material do amigo Luiz Carlos de Oliveira Borges, a RIE - Revista Internacional de Espiritismo, publicação mensal dedicada aos estudos dos fenômenos anímicos e espíritas, hoje ampliada, contando com

os recursos da moderna imprensa e publicando artigos em outras línguas.

Pioneiro na radiodifusão do Espiritismo, no período de 19 de agosto de 1936 a 2 de maio de 1937 proferiu, aos domingos, as conhecidas “Conferências Radiofônicas”, através da Rádio Cultura PRD-4, de Araraquara, posteriormente publicadas em livro.

No dia 30 de janeiro de 1938, após curta enfermidade, veio a falecer vítima de aneurisma cerebral, às 16h e 15 minutos. Na mesma noite, através do médium Urbano de Assis Xavier, comunicou-se e sugeriu a seguinte frase para a lápide em seu túmulo: “Vivi, vivo e viverei porque sou imortal”. Cairbar não teve a fase de perturbação porque passa a grande maioria dos espíritos após o desencarne. Sua evolução espiritual atesta o fato.

As obras de Cairbar Schutel foram todas editadas pela Casa Editora O Clarim, por ele fundada. As principais dentre elas estão:

- Médiuns e Mediunidades - 1923
- Parábolas e Ensinos de Jesus - 1928
- O Espírito do Cristianismo - 1930
- Vida e Atos dos Apóstolos - 1933

Nota: A editora CELD publicou o livro de nosso Diretor de Doutrina, Gerson Sestini, que prestou tributo a Cairbar: “Os Sertões os Esperava” retratando casos ocorridos no ambiente para onde o insigne missionário se transferira desde a mocidade, ao aventurar-se nos sertões do Estado de São Paulo.

Obras consultadas: “Grandes Espíritas do Brasil”, Zêus Wantuil FEB - 1981 e Wikipédia - enciclopédia livre.

O ENIGMA DAS CAUSAS DE MORTES COLETIVAS

Entre as tragédias que assolam a humanidade com muitos desencarnes simultâneos, as que causam maior impacto no emocional das pessoas são aquelas onde as ações humanas estejam envolvidas. Os terremotos, os tsunamis, as erupções vulcânicas são considerados como causas naturais e não há em quem pôr a culpa. Contudo, os naufrágios, os acidentes, incêndios, sempre abrem campo para acusações e busca dos culpados. Estes, uma vez encontrados, desde que sobrevivam, recebem toda a carga de acusações e punições. Os lesados pela imprudência ou pela maldade dos responsáveis como que sentem um pequeno alívio, porque a justiça foi parcialmente feita. Mas, e quanto aos que pereceram no acontecimento funesto? Estarão eles justificados? Num 'shopping' atingido por um incêndio, por exemplo, o que têm em comum todas aquelas pessoas que morrem? Contudo, o princípio da sincronicidade – que é um dos aspectos mais enigmáticos do Universo afirma: diante da morte estamos no local certo e na hora certa. O que nos leva a indagar: o fatalismo comanda nossas vidas, então?

Segundo a Doutrina Espírita, numa tragédia coletiva, as vítimas que perecem estão ligadas entre si por uma energia que as aproximam para aquele tipo de morte física. O encontro fatal, porém, é programado no mundo espiritual. Para organizá-lo, os mentores levam tempo, e o tempo tem outra conotação na dimensão em que se encontram. Para tal, há a neces-

sidade de que todos os espíritos implicados nas causas geradas por eles concordem e se disponham a sofrer juntos seus efeitos. O fatalismo não comanda nossas vidas, como muitos pensam; diariamente podemos mudar nosso destino, mas também estamos vinculados às programações feitas com nosso consentimento antes de reencarnarmos, e destas dificilmente nos livraremos. O livre-arbítrio que gerou a má semente terá a sua colheita. Embora possa tardar, ela necessita ser cumprida para que os espíritos continuem a progredir e ficar quites com a lei. Mas, os atingidos pela tragédia não estarão sós, e os que ficam: pais, filhos, parentes, amigos e pessoas com outros vínculos? Os desequilíbrios produzidos com os desencarnes coletivos se espalham e podem também ser desastrosos para com os que permanecem vivos. Logicamente, estes, por sua vez, também estarão implicados nas causas que geraram tais efeitos. E essas causas seriam as mais diversas; a história da humanidade é marcada por contínuos conflitos e suas dolorosas consequências.

Como exemplo de desencarne coletivo, com o enigma de suas causas desvendado, citaremos a tragédia do rio Turvo, ocorrida na noite de 24 de agosto de 1960, na qual pereceram 59 pessoas do sexo masculino, na maioria, jovens entre 14 a 16 anos, e que foi tida, segundo a BBC de Londres, como o maior desastre rodoviário ocorrido no mundo até então. Eram jovens da fanfara de uma escola de São José do Rio Preto que iria desfilar nos festejos do aniversário

da cidade de Barretos, no estado de São Paulo. Naquela data, conhecida como “noite de São Bartolomeu”, iniciava-se a matança dos huguenotes, em 1572, na cidade de Paris, portanto há 388 anos. Se muitos associaram a data com a mesma da tragédia, inclusive eu, o sincronismo era real, segundo revelou Chico Xavier, que recebeu mensagem de um daqueles jovens. Dirigindo-se a Romeu Grisi, meu cunhado, o médium explicou com detalhes como as pessoas que viviam na França daquela época foram sacrificadas depois de terem suas casas invadidas e, em seguida, envolvidas em lençóis para serem lançadas no rio Sena, na calada da noite. Não eram apenas os protestantes huguenotes atraídos pela decisão de Catarina de Médici ao evento que os reuniu para serem martirizados, muitos desafetos se aproveitaram da situação caótica para se vingar de seus inimigos e vítimas de sua cobiça apropriando-se de seus bens...

Esmeralda Bittencourt, amiga de Chico, perdeu seus filhos por sucessivos acidentes pelas mesmas causas: desastrosos cometidos no fatídico massacre de “São Bartolomeu”, espíritos implicados, como ela, então uma duquesa que apoia-

va a sanguinária Catarina. Segundo a narrativa do médium sobre essa sua amiga, a que eu pessoalmente assisti, ela perguntou-lhe, depois da perda de um de seus filhos, quando iria livrar-se daquele ‘carma’. Emmanuel intuiu o Chico e ele transmitiu a premonição: seria quando eles se encontrassem diante do Louvre, em Paris, num dia 24 de agosto. Os dois ficaram desolados, imaginavam que jamais teriam condições de um dia poderem estar na Europa. De fato, Esmeralda desencarnou sem ir, mas o médium, em 1965, estando em Paris por uns dias, quis conhecer o célebre museu. Era dia 24 de agosto. Lá chegando, encontraram os portões fechados devido ao feriado. Eis que naquele instante surge diante dele o espírito de Dona Esmeralda que lhe diz: “Chico, estamos diante dos portões do Louvre, minha dívida com as Leis Divinas finalmente foram dirimidas”. Foi então que o médium se lembrou da informação dada por Emmanuel anos atrás. O princípio da sincronicidade antevista por C. Gustav Jung, mais uma vez dava prova de que não é apenas uma hipótese: a premonição se cumprira.

Gerson Sestini

Expediente

CONSOLADOR
Comunidade Espírita Cristã

Publicação Trimestral do
Consolador - Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador.org

Presidente: José Corni
Vice-Presidentes: Sandra Aurora A. dos Santos, Sonia Silveira
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Gilbert Corni
Cartas para este jornal: Aos cuidados do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: jornal@consolador.org

Visite nosso site: www.consolador.org

CANTO DA POESIA

Emmanuel qualifica Maria Dolores como “Poetisa da Espiritualidade Superior”. Dentre tantos poemas recebidos por Francisco Cândido Xavier, destacamos este para nossa reflexão para este Natal de 2016.

PETIÇÕES DE NATAL

Senhor!...
Quando criança,
Se surgia o Natal,
Eu te enfeitava o nome em flores de papel
E te rogava em oração,
Tomada de esperança,
Que me mandasses por Papai Noel
Uma boneca diferente,
Que caminhasse à minha frente
Ou falasse em minha mão...

Noutro tempo, Senhor,
Jovem pisando alfombras cor-de-rosa,
De cada vez que ouvia
Anúncios de Natal,
Deslumbrada de sonho, eu te pedia
Um castelo de amor e fantasia
Para o meu ideal.

Depois... Mulher cansada,
Quando via o Natal, brilhando à porta,
Minha pobre ansiedade quase morta
Multiplicava preces E suplicava que me desses,
Na velha angústia minha, A ilusão de ser amada, Embora, ao fim da estrada,
Fosse triste e sozinha.

Hoje, Senhor,
Alma livre, no Além, onde o consolo me refaz,
Ante a luz do Natal, novamente acendida,
Agradeço-te, em paz,
Contente e enternecida,
As surpresas da morte e as lágrimas da vida!...
E, se posso implorar-te algo à bondade,
Nunca me dê aquilo que eu mais queira,
Dá-me a tua vontade E o dom da compreensão,
Entre a humildade verdadeira
E a serena alegria,
A fim de que eu te busque, dia-a-dia,
Mestre do coração!...

Maria Dolores

LIVRO EM PAUTA
VENCENDO A DOR DA MORTE

Conhecemos Célia Diniz, a autora do livro VENCENDO A DOR DA MORTE na 1ª Mostra de Filme Espírita do Rio de Janeiro, realizado em setembro do corrente ano, evento esse organizado por Oceano Vieira de Melo. Convidada a participar dos debates que se seguiram às projeções dos filmes, ela conquistou o público pela sua simpatia. Personagem do filme “As Mães de Chico Xavier”, Célia impressionou-nos com sua personalidade marcante e doce ao mesmo tempo. Seu livro, no

entanto, narra mais perdas de seus entes queridos, suas reações ante a separação, o torturante vazio que deixaram, confrontados com a filosofia espírita e também a atuação de Chico Xavier, com o qual conviveu desde a infância na Fazenda Modelo, onde seu pai era funcionário, em Pedro Leopoldo. Mãe de três filhos, professora, ela mora na cidade onde Chico nasceu. Sua excelente obra destina-se não só aos espíritas, mas ao público em geral, em especial a quem quer explicações e consolo para as provações da vida. Suas análises são apuradas e trazem o leitor a meditações mais profundas sobre as causas e aceitação dos problemas a ser enfrentados com as separações. No filme, ela mostra-nos uma de suas perdas, seu filhinho Rangel. O livro, no entanto, abarca outras situações em que ela enfrenta novos sofrimentos, a que todos estamos sujeitos, explicando como reagir a elas e respondendo à clássica pergunta: “Por que Deus fez isso comigo?”. Sua linguagem é escorreita e rica, propiciando uma agradável leitura, dando a ele um lugar proeminente entre as obras espíritas dos últimos anos. Por isso o recomendamos. Editado pela InterVidas, Catanduva SP, em primorosa apresentação, temos certeza que esta obra terá sucessivas reedições.

“Os afeiçoados e simpatizantes silenciam a respeito das sombras que nos rodeiam, mas os contendores e desafeitos as desvendam em nosso proveito, quando encontramos suficiente serenidade para buscar os interesses do Senhor e não os nossos. Na sua capacidade de tolerar as observações amargas reside a base da própria iluminação.” Ornelas

Livro Voltei - Espírito Irmão Jacob - Psicografia de Francisco Cândido Xavier